



DIDÁTICA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NO DIÁLOGO COM AS PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA¹

Nayra Guimarães Conde

Graduanda em Licenciatura Plena de História

Universidade Federal do Pará - nayraconde@gmail.com

Resumo: O intuito deste artigo é apresentar o debate acerca da construção de uma Didática voltada para a área histórica, uma vez que surge entre os historiadores e professores de História a demanda de se construir um ensino voltado para os paradigmas que permeiam o seu ofício, aqui discutido em contraste a um ensino de História que é usualmente influenciado pelas metodologias da Pedagogia a qual hoje possibilita um olhar sobre variadas áreas, História muita das vezes caracterizada como tradicional, nessa questão é inserido no debate os conceitos de Didática surgidos dentre a linha historiográfica alemã, corrente teórica que traz importantes contribuições e implicações para o ensino de História, as quais se encerram aqui em três *Lehrkunst*, *Unterrichtsmethoden* e *Geschichtsdidaktik*, esse último como se verá denota atualmente entre os autores citados o principal significado que se deve compreender e empreender o constructo da Didática da História, aquela que reconheça o espaço escolar e os seus sujeitos integrantes enquanto ativos e detentores de autonomia, coloca-se dessa forma os aspectos processuais que formaram ao longo do tempo a instituição escola, como também o processo de escolarização e Educação, apresenta-se também a historicidade do próprio conceito de Didática, assim a partir do que fora observado se percebe a inexpressiva produção de pesquisas historiográficas que abordam essa problemática, inserida na interdisciplinaridade entre Pedagogia e História, que em conjunto com as demandas sociais e políticas postas em meados do século XX, como o advento do modelo de Educação Inclusiva na escola comum, tema que expõe as necessidades presentes nas diversas instituições brasileiras de ensino, procura-se por fim apontar como base reflexiva o conceito de consciência histórica, para o desenvolvimento de um ensino histórico inclusivo.

Palavras-chaves: História; Didática; inclusão.

O processo de escolarização e a Educação Inclusiva

O espaço escolar é tumultuado de ideias organizadas de acordo com o tempo, Cordeiro (2015) reflete sobre essa instituição ao perceber no seu interior uma “gramática escolar”, ou seja, sua estrutura ou mesmo como são distribuídos seus elementos, o que se define por cultura escolar. Essa “gramática escolar” é semelhante ao longo do tempo: uma sala com cadeiras enfileiradas, os alunos supervisionados por um adulto propondo no quadro atividades, os alunos em sua grande maioria designados na

¹ Trabalho realizado como componente curricular e avaliativo da Disciplina Didática e Ensino de História, Faculdade de História, UFPA - Campus Bragança.

Realização



Organização:



(91) 3223-8575
fazeacontece@fazeacontece.com.br
www.fipedbrasil.com.br



mesma faixa etária; esse é o aspecto de uma sala de aula dos séc. XVIII e XIX, bem familiar às experiências vivenciadas pelos estudante do séc. XXI. Mas, retrocedendo para o medievo temos a infância e a criança ditadas por aspectos da vida adulta, isso é perceptível quando observamos a iconografia medieval: as vestimentas das crianças similares às dos mais velhos e frequentemente compartilham os mesmos espaços que eles, a exemplo da pintura a óleo de Pieter Bruegel (1525/1530-1569) “Jogos de Crianças” do século XVI. Assim, uma maneira de proteger a infância e resguardá-la nos ensinamentos cristãos e da moral para melhor prepará-las para o futuro, era a escola. É na metade do séc. XIX, que se inicia a expansão do ensino através da implantação de sistemas educacionais em vários países, resultando mais tarde nas escolas de massas, estas por sua vez resguardam um aspecto global e particular, pois cada país a formulou de modo único, no Brasil ela é mais recente se comparado aos países europeus cerca de 60 anos a frente.

Já o movimento da Educação Inclusiva advém da década de 1960, todavia somente é a partir de 1980 que se constata sua maior ênfase. O atendimento nacional a pessoas com deficiência se inicia durante o Império, alternado em duas instituições: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos (1854) e o Instituto dos Surdos Mudos (1857), ambos no Rio de Janeiro, vale lembrar que o próprio termo não exprime somente os alunos com deficiência, mas todas as minorias da sociedade. A Educação Inclusiva é uma demanda internacional, perceptível em encontros como a Conferência Mundial de Educação para Todos de Jomtien (1990), a realização da Declaração de Salamanca na Espanha (1994), exemplos que referenciam a legislação brasileira quanto às ações do docente alterando a "gramática escolar" e o ensino de História a um nível mais local. Nota-se que, no caso brasileiro, essas preocupações: a escolarização, a educação e também, a Didática da História surgem ao longo do século XX, chegando até a atualidade como problemas inerentes ao avanço dos ideais neoliberais, como comenta Pinsky e Pinsky (2016), ao chamar atenção ao "ceticismo" gerado por essas decepções

Realização



Organização:



(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br

www.fipedbrasil.com.br



ideológicas, como o socialismo, característico da História tratada com certa leviandade, pois não há, ou não havia o porquê de analisar exaustivamente tais concepções utópicas, isso sugere o “vazio” que cerca o professor de História. Essa desvalorização da História reflete nas escolas, onde a maior parte da carga horária é deixada ou dividida entre as disciplinas “mais úteis” para, se formos comparar na medida da pesquisa científica coerentemente atenta aos limites do anacronismo e buscando a essência do último resultado dado a instituição escola ainda na Idade Média, na qual a criança era preparada para no fim ser útil no futuro, hoje se tem um ensino fundamentado para o mercado de trabalho, o próprio movimento da Educação Inclusiva exige a inserção dessas minorias como agentes geradores de renda na sociedade.

Didática e consciência histórica

Didática vem do “[...] verbo grego *didasko*, que significava ensinar ou instruir” (CORDEIRO, 2015, p. 18), e é atrelada ao nome de Comenius, educador do século XVII considerado seu fundador, a partir de sua obra “Didática Magna: tratado da arte de ensinar tudo a todos”, e é por meio do título desta que podemos sondar a historiográfica acerca da Didática enquanto um método universal, entretanto não se deve desconsiderar o pioneirismo de Comenius para seu tempo. Já na contemporaneidade, as limitações dessa Didática, que desconsidera as peculiaridades de cada disciplina, tomam forma e proporção entre os historiadores, principalmente, dos pertencentes à corrente alemã, como apresenta Cardoso (2008) que vem defende ao mesmo tempo em que expõe as críticas sobre o “distanciamento” entre História e a Educação, o primeiro por muito tempo dentro do contexto nacional entendido como subárea da Pedagogia, os principais conceitos dessa bibliografia alemã são: *Lehrkunst* que é a Didática da História como arte, em diálogo com a obra de Comenius; *Unterrichtsmethoden* outro conceito que sofre duras críticas e que compreende o ensino como uma coleção de métodos universais; e se opondo aos dois primeiros conceitos há *Geschichtsdidaktik* o qual “[...] está para a

Realização



Organização:





História escolar assim como a Teoria da História – *Historik* – está para a ‘História dos historiadores’” (CARDOSO, 2008, p. 158), diante disso, Cardoso insere no debate o antagonismo entre saber erudito/acadêmico e saber escolar, fenômeno facilmente observável, porém pouco explorado, a escola é percebida como receptora do conhecimento científico, constituindo a “hierarquização do conhecimento”.

Isso afeta o profissional de História em sala de aula alienado dentro do "distanciamento" da “História dos historiadores” para com a realidade escolar (*Geschichtsdidaktik*), o debate sobre esse tema no Brasil remonta as duas últimas décadas do século XX embalado nas contradições entre o ensino tradicional e renovado, mas é ainda na década de 1930 que se inicia a busca pela superação daquilo que preconizava o ensino de História tradicional concentrado nos fatos e na narrativa cronicamente linear. Colocado isso e tendo em perspectiva o processo de "hierarquização do conhecimento", é preciso compreender que a escola também filtra os conhecimentos advindos da academia através do currículo, pelo menos no caso brasileiro, ele é determinado de acordo com a instituição ou professores, desmitificando a passividade da escola que coopera com o conceito de *Geschichtsdidaktik*, mas este “[...] não é uma reflexão apenas sobre a História escolar, mas sobre todas as ‘elaborações da História sem forma científica’” (CARDOSO, 2008, p. 158).

Outro elemento importante é a variação conceitual de História, além daquela construída dentro dos círculos científicos, e escolares, a encontramos inserida também no cotidiano: revistas, jornais, museus, livros, filmes entre outros, tudo isso configura-se como cultura histórica, esse debate aponta para o cerne das preocupações e resume a principal questão que perpetua os autores já mencionados: como construir e apropriar-se de metodologias e discursos próprios da História frente à Pedagogia e demais áreas para o estabelecimento de uma educação que visite todos os sujeitos históricos? Se a cultura histórica é como uma dada sociedade se percebe coletivamente, a consciência histórica é compreendida na sua individualidade, Luis Fernando Cerri permite sua reflexão ao

Realização



Organização:



(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br

www.fipedbrasil.com.br



apresentar duas grandes linhas que discutem sua essencialidade na vida humana, ou seja, a hipótese de que o indivíduo nasce ou não com essa concepção de si mesmo a partir do passado.

Contudo, o comum entre essas historiografias é a ideia de que todo indivíduo é detentor de uma consciência histórica a mesma sendo natural ou não, sem dúvida essa consciência é amadurecida ao longo do percurso escolar, aqui confrontada como objeto último da Didática da História, a construção e mediação através do ensino da consciência histórica no aluno, o qual seja parte ativa e transformadora de seu tempo. Somado a isso, coloca-se as perspectivas da Educação Inclusiva e suas necessidades, o Ministério da Educação demonstra o percentual dos alunos com deficiência que ainda não atingiram o ensino superior, indicativo que vem melhorando entre os anos de 2003 e 2012, o número elevou de 5.078 para 26.663, porém há muito a ser feito ao constatar o quantitativo de 664.466 matrículas em escolas públicas – no ensino fundamental e médio – de alunos com deficiência no mesmo ano de 2013, um desafio a ser conquistado na inserção desses alunos nos sistemas brasileiros de educação superior.

Ressalta-se por último, o papel transformador da História, encontrado na "[...] oportunidade que ela oferece de praticar a ‘inclusão histórica’..." (PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla, 2016, p. 28), a historiografia que defende o distanciamento metodológico da História e da Educação, e também as políticas "inclusivas" instituídas dentro das escolas, o estabelecimento da consciência histórica, complexos que enfrentam barreiras preconizadas por tradições preservadas sob a forma de preconceitos, hoje ressignificadas pela História Social, onde sugere-se aqui visualizar o caminho inverso no “distanciamento” da História com a Educação ao constataremos o pequeno número de trabalhos escritos por historiadores voltados para a educação de alunos com deficiência, preocupação inerente da Educação Inclusiva, modelo atual no qual, pedagogos se voltam com mais frequência, mesmo que também resguardando ao tema poucas iniciativas.

Realização



Organização:



(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br

www.fipedbrasil.com.br



"Assim, parti para o levantamento de teses e dissertações junto ao Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a fim de visualizar as conclusões das pesquisas nesses níveis de formação. Quando colocado como palavra-chave o termo práticas curriculares inclusivas identifiquei oitenta e quatro dissertações (mestrado) e vinte e cinco teses (doutorado), sendo que apenas vinte e três dissertações e quatro teses discutiam efetivamente a prática de professores diante da inclusão de pessoas em situação de deficiência na escola comum de ensino. Desse total, apenas uma pesquisa foi desenvolvida na região Norte, estado do Pará, no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI)" (MESQUITA, 2013, p. 19-20).

Amélia Mesquita em sua tese busca, entre outras preocupações, compreender a postura de muitos autores que ao analisar as práticas inclusivas no ensino Fundamental a tem como "fracassada", a autora nesse sentido faz o levantamento de trabalhos voltados para essa temática constatando o déficit, que como vimos, se torna necessário intermediar com a Pedagogia, nos limite da disciplina histórica, o constante diálogo com tais demandas que inferem diretamente na atuação do pesquisador/professor de História.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: Secretária da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/17009-educacao-especial>>. Acesso em: 08/10/2017.
- CARDOSO, Oldimar. Para uma definição de Didática de História. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 28, nº 55, 2008, p. 153-170.
- CERRI, Luis Fernando. O que é a consciência histórica? In: _____. *Ensino de história e consciência histórica*. Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 19-55.
- CORDEIRO, Jaime. A escola e o ensino. O núcleo da Didática. In: _____. *Didática*. 2ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015, p. 13-40.
- PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro. *História em sala de aula*. Conceitos práticas e propostas. 6ª ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016, p. 17-36.

Realização



Organização:



(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br

www.fipedbrasil.com.br